

TELEFONES PÚBLICOS

Orelhões estão por um fio

Telefones públicos, os orelhões, andam calados. Eles devem ser substituídos por versões hi-tech e já deixam saudade

Em silêncio, eles falam sobre o passado, sobre tempos em que uma singela conversa à distância trazia um tom de ritual. Tempos em que telefone era patrimônio declarado no Imposto de Renda. Em que havia uma disputada fila para usar o orelhão – apelido carinhoso dado pelos cariocas à peça de design brasileiro criada para abrigar por aqui os telefones públicos.

Os números mostram o esqueci-

mento deste que já foi um imponente meio de comunicação das massas. A taxa de utilização é irrisória: em solo carioca, 40% dos orelhões fazem menos de uma chamada diária.

No País, mais de 50% (464.230 de um total de 893.491) realizam, no máximo, 60 chamadas ao mês. A agência reguladora do setor estuda desligar 350 mil telefones públicos. Há 35 mil sem uso Brasil afora.

Sem uso formal, é bem verdade. Para outras funções, os orelhões se prestam de maneira singular. Suas cabines aconchegantes são murais analógicos de anúncios de ruborizar os mais puritanos.

Em modo poste, uma manhã na Nossa Senhora de Copacabana é capaz de flagrar, tornaram-se ainda estacionamento para bicicletas.

Ou mesmo berços para moradores de rua. E fetiche para artistas plásticos e escritores.

Da melancólica mudez dos outrora falantes aparelhos públicos grita a dúvida: por quanto tempo esses monumentos da comunicação do século XX seguirão expostos na paisagem do Rio?

Florianópolis, em Santa Catarina, já expõe modelos de uma nova geração de telefones públicos. Eles andaram por aqui, mas em formato que não agradou à prefeitura, no começo de 2012. Novos modelos estão em “teste técnico”. Segue nos planos da operadora, obrigada pela mão da lei a manter a oferta pública de telefone, a tentativa de encontrar uma solução para uma equação financeira que não fecha. Nos últimos seis anos, a receita da Oi com orelhões caiu 41%.

Objeto vira tema de livro

A escritora Bruna Beber transformou o aparelho em literatura. No conto “Baixo Orelhão”, ela descreve as cenas de todo dia em telefone público na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio. Cenas que falavam de um ritual de outros tempos.

“Famílias inteiras ficavam ali, para falar com parentes que moravam longe. Esse orelhão que originou o conto era um lugar social, um ponto de encontro. Recentemente me perguntei: por que existem? Quem usa, se todo mundo tem celular? Já vi duas pessoas se

escondendo dentro de um deles para assaltar”, contra Bruna.

Mesmo com a queda no uso, o custo de manutenção aumentou 7%, em seis anos. Ou seja: o vandalismo segue em alta (17% do total de aparelhos todo mês, segundo a Oi, que entre 2012 e 2013 trocará 252 mil orelhões no país).

Em outubro, a empresa de telefonia passou a oferecer ligações gratuitas nos orelhões do Rio. Na capital, o número de ligações dobrou em relação ao mesmo mês do ano anterior. Em cada cidade, as operadoras são obrigadas a dispor quatro aparelhos para cada grupo de mil habitantes.

Nas consultas que, previstas para março, estão ainda em estudo, a agência reguladora informa que trabalha com a hipótese de diminuir o número de orelhões nas grandes cidades. Mas há vilas e povoados (22.157 no total) que ainda contam com os orelhões como único acesso à comunicação. A Oi afirma que a quantidade de ore-

lhões será “necessariamente menor”. Mas sustenta que ainda serão muito úteis, principalmente quando a bateria do celular acaba.

“A última vez que usei um orelhão foi para ligar a cobrar para o meu celular, que eu tinha perdido”, exemplifica Meton Joffily.



ORELHÕES acoplados a Kombis



PASSISTA usa aparelho em 1985



SEM SINAL, telefone público é colocado à venda em ferro velho no Rio

Lembrança das moedinhas

A lembrança dos orelhões antigos, onde os telefones públicos precisavam do depósito de moedas para liberar a ligação, não sai da cabeça da transformista Rogéria, que lembra da época com saudades.

Ela, que mal usa o celular, lembra de quando comprou sua primeira linha telefônica, nos anos 70. “A época áurea dos orelhões era uma maravilha. Era uma época em que a Cinelândia parecia a Broadway. Lembro o barulho das moedinhas caindo”, disse.

A Cinelândia da memória de Rogéria foi cenário, antes dos registros da transformista, de um des-

partar público para os telefones, lá pelos anos 1920. Por lá se encontravam postos com quatro telefones.

As telefonistas eram personagens centrais dessa comunicação remota, e também inspiraram a literatura do começo do século passado. O “número, faz o favor”, marca das moças que faziam as ligações solicitadas pelos clientes, tornou-se título de peça infantil de Maria Clara Machado.

Carlos Drummond de Andrade escreveu uma crônica sobre aquelas vozes anônimas. Elas sumiram de cena nos anos 1930, dando lugar a ligação automática.

CURIOSIDADES

Criado por chinesa há 41 anos

- > O ORELHÃO foi concebido em um laboratório em Campinas, São Paulo, em janeiro de 1972.
- > DESIGNER CHINESA naturalizada brasileira Chu Ming Silveira, criou a cúpula acústica laranja que envolve-

ria os telefones públicos do País, começando por Rio e São Paulo.

- > AS 137 primeiras cabines tiveram excelente aceitação dos cariocas e, até o final de 1972, já havia 500 aparelhos pelas ruas.

- > A CRIATIVIDADE do brasileiro customizou a famosa cúpula. No Pantanal, ganhou forma de arara; em Manaus, de boi; em Salvador, de berimbau.
- > CARIOCAS batizaram o objeto de orelhão.



Jornal da Família**TELEFONES PÚBLICOS**

De mural para propaganda a peça de decoração

Usando ou não, os cariocas se apegaram aos orelhões. O escritor e compositor Fausto Fawcett dá uma sugestão polêmica: tombar as instalações urbanas aleatórias em que se transformaram os orelhões-mural. Hoje, nas ruas do Rio, tem quem use esses objetos como mural para colar propagandas e até quem os transforme em peças de decoração.

“Ali em Copa, a gente esbarra com propagandas eróticas por todo lado. Para mim, nesse caso, deveriam ser tombados, deveria um artista plástico pegar vários e fazer um ovário gigante. É um objeto que fala tanto sobre a inspiração plástica quanto sobre a mentalidade urbana do país, já que o vandalismo é um problema crônico”, diz Fausto.

Para acabar com as propagandas coladas nos aparelhos, desde março, a Câmara dos Vereadores vem apreciando projeto de lei que fixa multa de R\$ 100 por dia às concessionárias que não fizerem a limpeza do “material destinado à divulgação de serviço de prostituição”, que são os mais colados nos orelhões.

Por outro lado, de forma engraçada, esses singelos objetos de

prestam a vários usos. Até mendigos já usaram orelhões como berço para seus bebês.

Mas, essas “carcaças urbanas”, como são considerados por muitos hoje em dia, dariam lindas peças de decoração para a casa.

O designer Meton Joffily, por exemplo, tem um orelhão para chamar de seu. Era sucata, encontrada por amigos na rua, e tornou-se seu xodó, mais um objeto na sua

**OBJETO** usado como mural

coleção de objetos depredados que foram transformados em arte. Isso foi em 2008.

Logo depois, recebeu um convite para fazer uma vídeo-instalação que usa o orelhão como suporte. Colagens, grafite e um vídeo compuseram o cenário, com um visual retrô.

“Acho o objeto em si incrível. Houve uma discussão se eu ficaria ou não com ele no ateliê. Tenho novos planos. Um deles é transformá-lo em poltrona”, disse.

Por sua vez, a estilista Isabela Capeto guarda boas lembranças do orelhão que ficava na porta do colégio onde estudou. “É uma pena que o orelhão esteja saindo de cena. Vai deixar saudades: o design é um amor”, afirma.

**SUCATA** de orelhão vira poltrona nas mãos do designer Meton Joffily

Muitos não sabem usar o aparelho

Daqui. Só estou ligando porque perdi meu celular”, justificou.

Pesquisa do Instituto Meta, divulgada pela Anatel no mês passado, mostra 45% de insatisfação do usuário com os orelhões.

Para o designer Gutó Índio da Costa, está na hora de os telefones públicos serem repaginados.

“O orelhão perdeu completamente o sentido. Mas não precisa necessariamente morrer. Ele pode ser transformado e trazer uma série de novos benefícios.

Ainda não há data certa para a instalação do novo modelo, criado em 2011, no Rio. Segundo a Oi, a prova foi um sucesso.